



BH em movimento

Registros audiovisuais do período da ditadura na capital de Minas

MARCELLA FURTADO RODRIGUES*

O período entre 1964 e 1985 compreende um momento muito peculiar na História do Brasil, em razão das significativas mudanças políticas ocorridas e seu impacto no cotidiano da população brasileira. Compreendendo histórias notórias e passagens que ainda carecem de mais estudos, a Ditadura Militar é até hoje objeto de muitas pesquisas, provocando indagações e questionamentos em diversas pessoas que desejam ver este período revelado com mais detalhes¹. Desta forma, o assunto tem sido objeto de estudos acadêmicos em diversas áreas de conhecimento, entre elas pesquisas voltadas à análise dos registros audiovisuais feitos à época, bem como o exame de filmes documentais e ficcionais realizados posteriormente e que abordam aspectos distintos daquele momento histórico².

Para a realização de pesquisas sobre a Ditadura são considerados documentos textuais, imagens fotográficas, jornais, depoimentos daqueles que participaram ou presenciaram os fatos ocorridos durante aqueles anos, entre outras fontes. Questionado durante muito tempo, o documento audiovisual vem ganhando espaço, relevância e reconhecimento dentro destes

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da USP na linha de Pesquisa: História, Teoria e Crítica. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Victorio Morettin.

¹ Citamos aqui os principais autores contemporâneos que vêm se debruçando sobre o tema:

FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. 429 p.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014. 365 p.

_____. *O regime militar brasileiro: 1964-1985*. 4. ed. São Paulo: Atual, 2008. 108 p.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. 191 p.

² Citamos aqui algumas pesquisas recentes envolvendo as relações entre História e Audiovisual, especialmente no período 1964-1985:

BERGER, Christa; CHAVES, Juliana C. A contribuição do cinema para a memória da ditadura brasileira. *Comunicação & educação*, n. 3, set/dez 2009.

LEANDRO, Anita. *Montagem e História. Uma arqueologia das imagens da repressão*. Compós. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. 2015. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/artigo_com-autoria_compos-2015-3443f24d-7f10-4aaf-857c-1441b53a7204_2837.pdf>. Acesso em: 13 out. 2015.

_____. Os acervos da ditadura na mesa de montagem. *Logos* (Rio de Janeiro. Online), v. 23, p. 1-15, 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/27512/20175>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

MORETTIN, E. V. (Org.); ARAUJO, D. C. (Org.); REIA-BAPTISTA, V. (Org.). *Ditaduras revisitadas: cartografias, memórias e representações audiovisuais*. 1. ed. Faro: CIAC/Universidade do Algarve, 2016. v. 1. 829p.

estudos, e eles se estabelecem cada dia mais como uma importante fonte de informações. Conforme analisa o historiador Eduardo Morettin no texto "O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro",

A aceitação do cinema como fonte histórica indica uma mudança de estatuto do historiador na sociedade, assim como mostra a nova utilidade que certas fontes passam a ter em função de sua nova missão. Para o autor: "Segundo a natureza de sua missão, segundo a época, o historiador escolheu tal conjunto de fontes, adotou tal método; mudou como um combatente muda de arma e de tática quando as que usava até aquele momento perderam sua eficácia" (MORETTIN, 2007, p. 47).

No mesmo texto, Morettin ainda ressalta como a obra de Ferro reflete sobre aspectos relevantes que podem ser observados em documentos audiovisuais, "como risos, gestos e gritos, sempre considerados "produtos de um discurso tido como fútil e subalterno, [que] escapavam do olhar do historiador, por razões tanto sociológicas e ideológicas como técnicas"" (MORETTIN, 2007, p. 47).

Em Belo Horizonte, há poucos espaços que guardam e disponibilizam para o público a consulta a acervos audiovisuais que se relacionam com a memória e história da cidade. Dentre estes espaços, pode-se citar o Arquivo Público Mineiro (APM), o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) e o Museu da Imagem e do Som (MIS), sendo estes dois últimos órgãos da Fundação Municipal de Cultura, e o primeiro, uma superintendência da Secretaria de Estado de Cultura.

Dentre eles, o MIS é o que possui em seu escopo principal a guarda e difusão de documentos audiovisuais, sendo também o que possui maior acervo fílmico e videográfico, totalizando mais de 50 mil títulos, nos mais diversos suportes. É um conjunto amplo e diversificado. São obras que vieram de diferentes fontes, produzidas sob condições variadas e com resultados igualmente heterogêneos. Há produções ficcionais, documentais, jornalísticas e filmes de família, entre outros. Em seu acervo, há itens que contemplam as diversas fases da cadeia de produção audiovisual: alguns filmes são material bruto, ou seja, registros não editados de filmagens contendo todo o material gravado; há ainda os negativos originais de imagem e som, que são filmes que já passaram pela edição, a partir dos quais eram feitas as cópias finais, e existem também as cópias de exibição, que são o material pronto para projeção e exibição públicas.

No acervo da instituição, destacam-se preciosos registros históricos da capital, como "Reminiscências" (de Aristides Junqueira) que contém as mais antigas imagens preservadas

da história cinematográfica mineira, feitas em Belo Horizonte no período de 1909 a 1924. O MIS também conserva cinejornais realizados na capital entre as décadas de 1950 e 1970, em grande parte produzidos por demanda da prefeitura de BH, que os utilizava como forma de dar visibilidade às suas ações. Estes noticiários eram normalmente exibidos nas salas de cinema, antes da projeção dos filmes. Traziam informações sobre obras da prefeitura, acontecimentos importantes na cidade, e, em alguns casos, eram filmes publicitários que divulgavam a capital e seus atrativos para a população local e também para seus visitantes.

No conjunto da diversidade temática do Museu, há também as matrizes originais de material jornalístico produzido pela Rede Globo Minas entre 1968, data de sua inauguração, e 1983, quando a emissora parou de utilizar filmes em película para a produção de suas telerreportagens. Do período compreendido por este Fundo, há registros audiovisuais que abordam temas diversos relacionados à cidade de Belo Horizonte, como política, esportes, eventos, comportamento, saúde, educação, cultura, entre outros. Além da capital, o Fundo também apresenta reportagens realizadas em cidades da região metropolitana e em municípios do interior do estado.

Muitos pesquisadores procuram o Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte buscando imagens relacionadas ao período da Ditadura Militar na cidade. Pelos levantamentos feitos a partir da demanda destes consulentes, a equipe do MIS-BH percebeu a diversidade e riqueza de registros sobre aquele momento presentes no acervo da instituição.

Na maioria das vezes os pesquisadores querem imagens 'prontas', contextualizadas e que tragam registros simbólicos sobre as ocorrências da época: manifestações estudantis, embates com a polícia, pessoas correndo pelas ruas, ações no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) etc. Porém, em muitos casos, as imagens que encontram são material bruto, registros primários sobre fatos ocorridos naquele momento. Não há edição e os fatos muitas vezes aparecem descontextualizados, demandando que se faça ainda um trabalho de contextualização destes registros, uma das metas da pesquisa de doutorado à qual se refere este artigo, realizada no Programa de Pós Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Universidade de São Paulo (PPGMPA-ECA/USP), sob orientação do Professor Dr. Eduardo Victorio Morettin. Porém, a falta de contexto e edição não tornam estes registros menos importantes. Pelo contrário. O fato destes rolos estarem ainda em seu estado bruto os tornam ainda mais completos, sem os cortes e censuras que uma possível edição poderia causar.

Em um levantamento preliminar já foram identificados filmes que trazem episódios relacionados à ditadura tanto em cinejornais das décadas de 1960 e 1970 quanto no acervo da TV Globo Minas que se encontra preservado no Museu. Nestes registros, a ditadura militar aparece, seja na participação de militares em eventos diversos, prisões, movimentos pela anistia, ações do/no DOPS, questões relativas à liberdade de imprensa, greves de alunos, exilados, jornais de resistência, atentados à bomba, passeatas, discussões sobre a queda do Ato Institucional nº 5, peças teatrais realizadas no período, entre outros. A pesquisa aqui apresentada ocupa-se do levantamento de filmes existentes no Fundo Rede Globo Minas que façam algum tipo de referência ao período da ditadura militar em Belo Horizonte.

Após o levantamento e seleção dos filmes a serem trabalhados dentro da pesquisa, será importante entender o 'lugar de fala' destas reportagens. É um conjunto de documentos audiovisuais que mostram o olhar da Rede Globo sobre o período. A cobertura de um determinado evento já implica na construção de uma memória sobre ele, tanto no que se refere à apresentação e disseminação do assunto para o público contemporâneo, quanto ao se pensar sobre o que permanecerá como registro daquele período, considerando a eventual preservação destes filmes para a posteridade, como é o caso das telerreportagens da Rede Globo Minas conservadas pelo Museu da Imagem e do Som de BH.

São várias as questões que aparecem à medida que a pesquisa avança, questões que pretendemos responder ao final deste processo: qual o 'lugar de fala' destes filmes?; quem estava responsável por estas produções e o que permeava a definição das pautas?; como estes documentos audiovisuais se inserem no contexto de registros sobre o período na capital de Minas?

Conforme documentação existente nos arquivos do MIS-BH, as telerreportagens da Rede Globo Minas chegaram à instituição no ano de 2002. Até o ano de 2008, foi feito um trabalho de acondicionamento e o registro em fichas de papel de aproximadamente 25 por cento destes filmes. A partir de 2012, todos os títulos dos filmes que possuíam identificação foram colocados em uma listagem no computador, correspondendo a aproximadamente 60 por cento do acervo da Globo que se encontra preservado no Museu. Também a partir de 2012, foram digitadas em uma base disponível na rede interna da prefeitura mais de 50 mil fichas catalográficas, que correspondem à documentação não fílmica trazida da Rede Globo

Minas junto aos filmes. Na instituição, o trabalho agora se avança sobre os filmes da TV que estão sem identificação.

A metodologia de trabalho para localização das telerreportagens que fazem referência ao período consiste nos seguintes passos: em um primeiro momento, é feito um pente fino na lista de filmes já identificados do Fundo Globo, quando separamos as reportagens que no título já trazem algum indício de eventos ou personagens que se relacionam ao período na memória da cidade.

Com essa listagem em mãos, o trabalho parte para um segundo momento, que é a inserção das sinopses dos filmes, conforme consta na base de fichas da Rede Globo. Neste momento, alguns filmes são descartados da lista da pesquisa, quando se percebe pela leitura da sinopse que o assunto do filme não guarda relação com o período da ditadura militar.

Passa-se então ao terceiro momento, quando os filmes listados são separados dentro do acervo da instituição. São películas que precisam passar por análise física, de modo que seja possível verificar suas condições de projeção, visto que são materiais que nunca foram desenrolados desde sua chegada ao Museu. Durante a análise física, é feito o registro fotográfico das principais cenas de cada filme.

Com os filmes prontos para a projeção, passa-se para o quarto momento, que corresponde à visualização dos filmes na moviola. Após esta etapa, retira-se mais alguns títulos da listagem levantada, reportagens em que o título e a sinopse não deixavam claro o assunto abordado, mas a visualização dos mesmos confirma que não correspondem ao foco desta pesquisa.

É a partir dos filmes que permanecem na lista após esta etapa que a segunda parte da pesquisa será realizada, que corresponde ao entendimento do 'lugar de fala' no qual estes registros foram realizados, e como eles se inserem no conjunto de documentos que nos permite perceber os personagens e acontecimentos na cidade de Belo Horizonte no período da ditadura militar.

Até o momento já foram visualizadas 156 telerreportagens. Identificamos que há um leque amplo de assuntos relacionados ao período (movimento estudantil, imprensa alternativa, movimento feminista pela anistia, produções teatrais, eventos políticos etc). Diante da variedade, percebemos que seria importante fazer um recorte dentre os temas existentes, para que seja possível realizar as próximas etapas da pesquisa com qualidade e dentro do prazo

disponível para a mesma, lembrando que ainda há muito material a ser visualizado antes de passarmos para a etapa de investigação do contexto de produção destes filmes.

Enquanto registro audiovisual de uma época e para além do forte apelo visual causado pelas imagens em movimento, estes filmes documentam o clima que permeava as relações políticas e sociais durante a ditadura. Fazem isso, ao exibirem o comportamento e opinião de pessoas no calor do momento, com depoimentos que certamente são muito distintos dos que podem ser obtidos tempos depois da vivência destas experiências, quando as pessoas relembram o que passaram já com um distanciamento temporal e possivelmente uma perspectiva diferente da que possuíam à época. Apreender essa instantaneidade e a percepção do momento em que os fatos são vividos é uma das qualidades inerentes do documento audiovisual, ainda que se saiba que qualquer registro fílmico é mediado pelo olhar do realizador.

Sobre o material já visualizado, é importante ressaltar que nem todos os filmes trazem fatos emblemáticos ocorridos naquele momento. Muitas vezes são situações do cotidiano, como reuniões de estudantes, ações do DCE, eventos militares, passeatas de greve, mas que mostram um pouco do clima que vivia a cidade de Belo Horizonte naqueles anos. Pela visualização do conjunto, pode-se ter uma ideia, ainda que incompleta, de como se davam as ações e relações entre participantes ativos e espectadores dos acontecimentos.

Os registros trazem também lados distintos da história: há filmes que mostram ações dos militares, e há outros que abordam movimentos de resistência, heterogeneidade que também se mostra frutífera para a percepção daquele momento. Ainda estamos lidando com a definição dos temas que entrarão no recorte desta pesquisa, recorte este que será feito considerando o volume de filmes sobre determinado tema e a diversidade de abordagens dos temas escolhidos. Este é um dos desafios a serem enfrentados por esta pesquisa. Os temas "eventos oficiais, movimento estudantil, imprensa, movimento pela anistia e produção teatral no período" se delinearam até o momento como recortes interessantes. Trazemos a seguir alguns exemplos a partir destes recortes:

Dentro do tema "eventos oficiais", há títulos que mostram atividades militares ou abordam pessoas que estavam no poder naquele período. Dentre eles está o rolo "Presidente

Médici inaugura Plano Nacional de Água Potável em BH" (título atribuído - sem data)³, com cenas do general na capital mineira em função das referidas inaugurações. No centro de BH, faixas saúdam a presença do chefe de estado: "Com Rondon⁴ e Médici Minas encontrou o caminho" e "O rio já é nosso. Obrigado presidente". Durante uma das solenidades, além do hino nacional, a banda militar também executa a canção "Pra Frente Brasil", jingle que marcou a campanha da seleção no tricampeonato mundial de futebol (1970) e acabou sendo explorado politicamente durante o governo de Emilio Garrastazu Médici (1969-1974).

A reportagem "Aniversário da Revolução", de 31 de março de 1975, no próprio título dá indícios da posição cultural e política da emissora que produziu a matéria, visto que a palavra 'revolução' era uma "expressão adotada e difundida pela direita" (RIDENTI, 2005, p. 91). O rolo apresenta "cenas que mostram missa celebrada em comemoração à revolução de 64, na Capela Santana do Palácio da Liberdade⁵, com a presença do governador Aureliano Chaves e autoridades e solenidades na praça, com revista às tropas e hasteamento de bandeiras"⁶. A presença dos alunos do Colégio Estadual Ordem e Progresso é confirmada por uma faixa que alguns jovens carregam trazendo o nome da instituição. Há outra matéria com o mesmo nome realizada no ano seguinte, no dia 31 de março, onde são apresentadas cenas no pátio do Palácio da Liberdade e novamente a presença do governador Aureliano Chaves. Há também o hasteamento de bandeiras, execução do hino nacional, desfile militar e discursos de autoridades. No filme se vê uma presença maciça de militares e também de grupos de crianças com uniforme escolar. No ano de 1976, um outro filme mostra a vinda do general Ernesto Geisel a Belo Horizonte em virtude da assinatura de convênios para a implantação da Açominas. As cenas mostram o presidente em desfile pela cidade, fazendo a revista de tropas e em compromissos no Palácio da Liberdade, além de trechos de seu discurso.

Em dezembro de 1977, o então senador Magalhães Pinto fala em entrevista à Rede Globo sobre a possível extinção do AI-5 (o Ato Institucional mais repressivo de toda a ditadura militar e do qual ele foi signatário) e sobre sua pré-candidatura à presidência do país.

³ Os títulos indicados como "título atribuído" foram concedidos durante o processo de identificação dos filmes no Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte. Os demais títulos foram conferidos pelo setor de documentação da própria Rede Globo Minas, quando do arquivamento dos filmes.

⁴ Rondon Pacheco (1919 - 2016) foi Governador do Estado de Minas Gerais entre 15 de março de 1971 e 15 de março de 1975.

⁵ Sede do Governo do Estado de Minas Gerais no período.

⁶ Sinopse do rolo conforme documentação não-filmica enviada pela Rede Globo Minas junto aos filmes que foram entregues ao Centro de Referência Audiovisual - CRAV (atual Museu da Imagem e do Som de BH).

Uma reportagem de 1978 acompanha a chegada a Belo Horizonte do então candidato a presidente da república João Baptista de Oliveira Figueiredo, que veio à capital para uma convenção do partido ARENA (Aliança Renovadora Nacional). Na chegada à cidade ele responde perguntas de repórteres, como questões sobre o senador Magalhães Pinto, o presidente Ernesto Geisel, e também sobre sua polêmica declaração de que 'o brasileiro não sabe votar', o que ele rebate dizendo que apenas declarou que "o brasileiro precisa se instruir melhor para votar melhor".

Sobre o tema "movimento estudantil", vários filmes mostram um pouco das atividades acadêmicas no período, sejam protestos, greves, reuniões e ações nos DCEs das universidades da capital. O filme "Estudantes" (14 de junho de 1968) traz algumas imagens mudas de alunos votando para eleição do novo presidente do DCE.

No rolo "Estudantes X Polícia" (30 de setembro de 1975), alunos e um funcionário da Escola de Engenharia relatam a perseguição e prisão arbitrária de alunos dentro da faculdade. Após os depoimentos, cenas mostram estudantes reunidos no pátio informando o ocorrido a outros alunos. A reportagem "Estudante engenharia preso" (09 de agosto de 1978) traz o relato do aluno Wilson Vieira Cândido, que foi preso quando chegava para a aula na Escola de Engenharia da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). O aluno foi levado à delegacia da rua Guajajaras, e liberado após a intervenção do diretor da escola. As imagens mostram um cartaz de denúncia da prisão, assinado pelo Diretório Acadêmico dos Estudantes de Engenharia da UFMG, relatando que o aluno recebeu socos e pontapés na porta da escola antes de ser colocado no camburão da PM (Polícia Militar).

O rolo "Bomba no DCE UFMG", de 1º de novembro de 1975, traz imagens de homens do DOPS nas dependências do Diretório Central dos Estudantes realizando a busca de uma possível bomba que haveria ali, conforme indicação recebida por um telefonema anônimo recebido pela Secretaria de Segurança Pública e repassado ao reitor da universidade, professor Eduardo Osório Cisalpino. A bomba deveria explodir na sede social do DCE durante um debate sobre a quebra do monopólio estatal do petróleo, organizado pelos DCEs das universidades Federal e Católica (Pontifícia Universidade Católica / PUC-MG). Os estudantes aceitaram que a perícia fosse feita pelos membros da Secretaria de Segurança desde que acompanhada por eles e pela própria reitoria.

A reportagem "Estudante expulso do país" (27/02/1978) apresenta uma entrevista com Eduardo Albuquerque, do diretório de estudantes, na qual ele explica que não há base legal para que um aluno estrangeiro do curso de medicina perca seu visto e tenha que deixar o Brasil. Eduardo alega que o ato é apenas uma forma dos órgãos de segurança ameaçarem o movimento estudantil. Na parede ao fundo de onde é feita a entrevista, uma frase sintetiza uma das bandeiras do diretório: "pela anistia ampla e irrestrita".

O filme "Anistia de 45 - Reunião e bomba" (19/04/1978) traz cenas da perícia chegando ao Colégio Santo Antônio e saindo com uma bomba desarmada. As imagens também mostram carros pichados supostamente por um grupo anticomunista (GAC). A fita traz ainda os relatos de Tereza Zerbini, presidente do Movimento Feminino pela Anistia, e Helena Greco⁷, presidente da seção mineira do MFPA. Na sinopse que veio junto ao filme, há a informação de que uma reunião acontecia no colégio e depois foi transferida para o Diretório Central dos Estudantes da UFMG. A bomba do colégio foi desarmada a tempo, mas a que foi colocada no DCE explodiu. Uma outra reportagem do mesmo dia ("DCE - Bomba explode") traz imagens dos estragos causados pela explosão da bomba, que destruiu a gráfica do Diretório Central dos Estudantes. No início do filme há uma imagem do DCE feita a partir da rua. Na fachada da sede, duas faixas denunciam o atentado sofrido: "Bomba explodiu aqui ontem" e "Suspeita-se que seja o GAC (?) / Assembleia Universitária Hoje 20hs na FAFICH".

No filme "Helena Greco - Prisões Estudantes", de 15 de março de 1979, a ativista política denuncia prisões de estudantes em Belo Horizonte. Ela relata que ninguém sabe o motivo das prisões, mas as mesmas foram confirmadas no DOPS e na Polícia Federal, e informa ainda que está na Assembleia Legislativa buscando esclarecimentos sobre os casos junto ao superintendente da Polícia Federal, o secretário de segurança e alguns parlamentares. No rolo "UFMG - Prisão de Estudantes", de 16 de março de 1979, um aluno informa que o ICB (Instituto de Ciências Biológicas) está em greve. Ele relata que os alunos saíram em manifestação pelo Campus, passaram pelo ICEX (Instituto de Ciências Exatas) e convergiram para o restaurante setorial da universidade, protestando contra a prisão arbitrária da aluna Fatinha, presidente do DA-ICB, detida pelo DOPS. Em imagens feitas dentro do bandejão, os alunos batem às mesas entoando o grito "Abaixo a repressão". Numa das falas, um aluno questiona a "Abertura" proposta pelo presidente Figueiredo, dizendo que o discurso é um, mas

⁷ Helena Greco (1916 - 2011) fundou e dirigiu o Movimento Feminino pela Anistia em Minas Gerais. Foi a primeira vereadora eleita em Belo Horizonte, nas eleições de 1982.

na prática continuam "as prisões arbitrárias, o aparato repressivo, a apreensão de jornais, como o 'Em Tempo'", entre outras ações. Na assembleia dos estudantes, faixas trazem os escritos "Abaixo a ditadura". Durante a reunião, os alunos falam sobre as tentativas de receber esclarecimentos quanto ao destino dos presos e o porquê das prisões. Informam ainda que o pedido de *habeas corpus* foi encaminhado visando a liberação dos alunos José Adão, Verteli e Fatinha do ICB.

A fita "Sindicato Professores - Greve Professores - Prisões Colégio Dom Cabral" (25 de maio de 1979) aborda a prisão de seis estudantes realizada pelo DOPS na porta do colégio. Os alunos em questão apoiavam a paralisação dos docentes. Imagens mostram os estudantes remanescentes entoando gritos como "O estudante unido/jamais será vencido" e "Colégio Dom Cabral/professor recebe mal". A fita "Bomba explode no D.A. - Federal", de 1º de setembro de 1978, traz imagens dos destroços causados pela bomba que explodiu no DA-Medicina durante as eleições para o DCE da UFMG. Um representante do Diretório declara que os autores do atentado são os mesmos que colocaram bombas no Jornal *Em Tempo*, na gráfica do DCE e na casa de Dona Helena Greco (MFPA/MG). Segundo o estudante, a bomba seria uma tentativa de impedir que eles realizassem eleições diretas para o DCE, o que havia sido uma conquista desde o ano de 1976, quando foi desafiado o Decreto nº228⁸, que estabelecia eleições indiretas para os Diretórios Centrais dos Estudantes no Brasil.

O filme "Colégio Estadual Central - Greve Anistia", de 27 de maio de 1980, apresenta a movimentação de estudantes em passeata pelas ruas da cidade, inclusive em frente à Secretaria de Educação. Eles pedem pela volta dos professores punidos pela greve. Já a reportagem "Colégio Estadual Central - Passeata", de 31 de maio de 1980, traz imagens da passeata dos alunos do Estadual Central se manifestando contra a punição dos colegas que participaram da passeata a favor dos professores demitidos em razão da greve. No rolo "Colégio Estadual Central - Passeata alunos", de 04 de junho de 1980, as imagens exibem um grupo de estudantes em manifestação. Em coro eles gritam "abaixo a repressão". O protesto era pela volta de colegas que haviam sido suspensos.

O DOPS também figura em diversos filmes existentes no acervo do MIS. No filme "Genival Tourinho - Prisões Populares" (09/01/1979), o deputado Genival Tourinho denuncia

⁸ Decreto-Lei nº 228, de 28 de fevereiro de 1967, Artigo 7º: "O D.C.E. será eleito por voto indireto através do colegiado formado por delegados dos D.A., na forma por que dispuser o Estatuto da Universidade". Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0228.htm. Acesso em: 20 mar. 2017.

dificuldades enfrentadas no DOPS no episódio da prisão de 8 estudantes, em que o advogado de defesa Geraldo Magela foi impedido de seu exercício profissional. O advogado pediu ajuda ao presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), professor Raimundo Cândido, que também foi barrado no DOPS, junto com o deputado e o diretor da Faculdade de Direito da UFMG, professor Antônio Baracho. A fita "DOPS - Políticos visitam presos políticos" (23/03/1979) aborda a tentativa frustrada de visita dos presos Fatinha e Nelson Chaves dos Santos. Em entrevista, o deputado José Eudes, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) do Rio de Janeiro, informa que não foi possível ter acesso à visita, mas que eles foram vistos à distância e estavam aparentemente bem. O parlamentar questiona a contagem do prazo de incomunicabilidade dos presos, e informa ainda que o encarregado em questão foi evasivo quanto ao prazo de libertação dos presos, visto que os mesmos ainda estavam sendo submetidos aos interrogatórios de praxe. José Eudes completa dizendo que ele e o CBA (Comitê Brasileiro pela Anistia) continuarão na luta pela libertação dos presos e pelo direito das pessoas se organizarem e se manifestarem politicamente.

As discussões acerca da atuação da imprensa na cidade também aparecem em vários registros. A fita "Jornal De Fato" (23 de janeiro de 1976) mostra o lançamento deste jornal alternativo na casa do jornalista. O periódico, em formato tabloide, teve 27 edições e circulou em Belo Horizonte de janeiro de 1976 a outubro de 1978⁹. O jornal abordava temáticas feministas, homossexualidade, cultura popular e, em sua segunda fase, artigos que traziam reflexões sobre a conjuntura política do país.

O rolo "Jornal Em Tempo bombardeado" (18 de agosto de 1978) traz imagens da redação destruída, carros com estilhaços e demais danos causados pela explosão de uma bomba no periódico. Em uma das paredes da sede, uma pichação dá indícios sobre a autoria do ataque: "Viva o Brasil / GAC / MAC¹⁰". O diretor do jornal Betinho Duarte fala sobre o atentado, que não foi o primeiro ato de violência sofrido. Em 28 de julho a redação do *Em Tempo* (sucursal de Curitiba) já havia sofrido saques, depredações e pichações por parte do CCC (Comando de Caça aos Comunistas). Alguns dias depois, em 24 de agosto, há uma manifestação na Câmara Municipal em favor do jornal (filme "Jornal Em Tempo -

⁹ LEMOS, Cândida Emília Borges; SANTIAGO, Magda de Lima. De Fato: jornal construído entre um sonho e a amarga realidade. In: **9º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, 2013, Ouro Preto. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-alternativa/de-fato-jornal-construido-entre-um-sonho-e-a-amarga-realidade>. Acesso em: 20 jul. 2016.

¹⁰ MAC: Movimento anticomunista.

Manifestação na Câmara"). As imagens mostram cenas do lado de fora da Câmara, onde manifestantes se agrupam sob o acompanhamento de um grande número de policiais. Do lado de dentro, são apresentados trechos de discursos durante uma sessão na plenária. Os manifestantes presentes gritam repetidamente em coro "Abaixo a Ditadura!". João Batista Mares Guia, chefe de redação do jornal, fala de sua surpresa ao chegarem na Câmara Municipal e se depararem com um aparato policial 'desproporcional', que estaria ali apenas para intimidar a ação do grupo. Importante destacar que na edição de 26 de junho a 2 de julho de 1978, o *Em Tempo* havia publicado uma lista com os nomes de 233 torturadores¹¹.

No filme "Sindicato dos jornalistas - Debate - Liberdade de imprensa" (25/04/1979), há cenas do evento realizado sobre o tema. Um dos entrevistados informa que está sofrendo um processo por crime contra a segurança nacional. No mesmo ano, no dia 07 de junho, o rolo "Washington Mello - Liberdade Imprensa" apresenta uma entrevista com o jornalista, que relembra o dia da liberdade de imprensa, e comenta que embora a empresa jornalística possa não ser livre, o jornalista é. Na fita "Francelino Pereira - Entrevista sobre atentado Jornal Em Tempo" (10/07/1979), o então governador de Minas fala que não admite nenhum ato de violência contra quem quer que seja, e alega já ter determinado ao secretário de segurança medidas imediatas para apuração do caso e punição dos responsáveis.

A reportagem "Prisão estudantes - Hora do povo" (12/02/1981) aborda as prisões de jovens que vendiam o periódico. Em entrevista, o estudante de arquitetura Sérgio Correia dos Santos relata que logo terão uma audiência com o Secretário de Segurança, na qual pretendem solicitar ao mesmo explicações a respeito da ordem de proibição que ele deu impedindo que os jornais de oposição fossem vendidos na rua.

O acervo do MIS também traz diversos registros da efervescência cultural que permeava o período. São peças teatrais, apresentações musicais e lançamento de livros, entre outros exemplos. Numa entrevista de 10 de outubro de 1968 o ator belo-horizontino Jonas Bloch fala da peça "Numância", de Cervantes, em que ele atua com direção de Amir Haddad. Enquanto é entrevistado, ao fundo se vê uma faixa de apresentação da peça, onde está escrito "Numância" e o subtítulo "Ou ficar a pátria livre". Conforme informações da Enciclopédia Itaú Cultural sobre a peça:

¹¹ MOTA, Thaís. BH foi a capital dos atentados terroristas durante a ditadura e a redemocratização. **Minas Livre - Liberdade e Informação**. Belo Horizonte. 2014. Disponível em: <http://minaslivre.com.br/plus/modulos/noticias/ler.php?cdnoticia=1264#.V5MumfkrKUK>. Acesso em: 20 jul. 2016.

No espetáculo, o cerco dos romanos à cidade Numância é metaforizado no confronto entre o movimento estudantil brasileiro e as forças da repressão da ditadura. O cenário de Joel de Carvalho eleva-se sobre um palco giratório que exige alto investimento. Em novembro (de 1968) a peça estreia em Belo Horizonte com sucesso e já com temporadas marcadas em várias capitais brasileiras para o ano seguinte. Entretanto, como consequência do Ato Institucional nº 5 (AI-5), a peça é integralmente censurada e proibida de ser apresentada em todo o território nacional¹².

Na entrevista, Jonas Bloch fala ainda sobre a agressão a Norma Benguell (que havia sido raptada pelos militares), ações contra o espetáculo *Roda Viva*, tentativas de retaliação ao escritor Stanislaw Ponte Preta (o cronista havia morrido em 30 de setembro daquele ano) e a música de Geraldo Vandré:

A agressão a Norma Benguell, a todos os espetáculos como Roda Viva, a tentativa contra Stanislaw Ponte Preta, que tentou lançar no país a expressão 'democradura' e agora a música de Vandré, que fala das aspirações do povo, todas elas são manifestações... são proibições que bem caracterizam o estado de coisas em que vivemos. E parece que tudo aquilo que o povo pretende nesse país no momento será bloqueado. Mas um dia nós chegamos lá.

Após esta fala, o ator é questionado se não teme que a repressão atinja a peça "Numância". Bloch responde que está ciente de que a peça possa ser alvo de ameaças, mas alega que eles têm um bom esquema de segurança para a mesma, sem entrar em detalhes sobre o que seria o esquema.

Dois matérias, respectivamente de 1970 e 1974, trazem no título o nome "Show Medicina", tradicional espetáculo teatral dos alunos da Faculdade de Medicina da UFMG. Criado em 1954, o 'Show' foi interrompido por vários anos pela censura militar, voltando a ser apresentado em 1986. A reportagem de 1974 mostra ensaios do grupo, e a de 1970, cenas da própria apresentação, ocorrida no Teatro Marília.

O rolo "Teatro - Tempo de Espera" (11/03/1977) apresenta cenas da peça, na época em cartaz no DCE da Universidade Católica. Há também uma entrevista com o diretor maranhense Aldo Leite na qual ele relembra a origem da peça e fala sobre o convite para apresentá-la em um festival internacional de teatro em Nancy, na França. A peça, que teve sua estreia nacional em 1976, aborda a falta de esperanças de uma família pobre do Maranhão.

¹² TEATRO Experimental. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo518675/teatro-experimental>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Eles apenas reagem aos acontecimentos que se sucedem a eles, tendo perdido o ânimo até para falar. A fita "Associação dos Artistas - Morte da Censura" (17/08/1978) traz imagens do 'velório da censura', ato simbólico realizado pela Associação na Praça Afonso Arinos, em frente à Escola de Direito da UFMG.

Em abril de 1979, a peça teatral "Revista do Henfil" (de Henfil e Oswaldo Mendes, com direção de Ademar Guerra), se apresenta em Belo Horizonte. O filme que registra cenas do espetáculo mostra o momento em que o elenco homenageia o Movimento Feminino pela Anistia e dona Helena Greco, por sua importância na luta pelos direitos humanos.

O rolo intitulado "Teatro - Tudo Certo... Mas Está Esquisito" (12 de março de 1980) traz imagens da peça e uma entrevista com o diretor Rodrigo Leste que explica as razões da escolha deste nome para o espetáculo. Segundo ele, a história se passa em uma cidade cercada por montanhas, semelhante a um 'cuzalzinho', onde dois estudantes universitários se sentem sufocados pela moral conservadora do lugar. A fita "Teatro - Ascensão e Queda da Família Mineira" (25 de abril de 1980) apresenta imagens da peça e uma entrevista com o autor e diretor, Ronaldo Boschi. Ambientada na década de 1940, a história narra os sonhos e anseios de sete irmãs que vivem em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, explorando seus dramas religiosos e sexuais. Embora a narrativa seja apresentada em um período anterior à ditadura militar, o espetáculo traz à tona elementos que vigoravam no cenário sociocultural do período pós-golpe, como as tradições cristãs e a valorização da família como 'célula da nação'¹³, bandeiras levantadas em apoio ao regime e que tiravam o foco dos problemas reais enfrentados pelo país. O texto da peça foi vencedor do prêmio Paulo Pontes em 1978 (Tatuí, São Paulo) e do Prêmio Fetadif/SESC em 1979 (Brasília)¹⁴.

Há também vários filmes que abordam os movimentos pela anistia ocorridos na cidade. Na fita "Movimento feminino anistia - Desmentido", de 12 de maio de 1978, a presidente do movimento, Helena Greco, fala sobre notas que foram espalhadas pela cidade em nome do movimento. Também aborda uma reunião com o governador objetivando a transferência de presos políticos. A reportagem "Movimento Feminista pela Anistia -

¹³ SCHWARZ, 1978, p. 71.

¹⁴ ASCENSÃO e Queda da Família Mineira. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento518029/ascensao-e-queda-da-familia-mineira>>. Acesso em: 08 de Jul. 2017.

Assembleia" (27 de outubro de 1978) traz cenas de uma reunião do movimento e entrevista com Helena Greco abordando os planos do comitê.

O filme "Movimento feminino para anistia - Avenida Afonso Pena - Pancadaria" (05 de janeiro de 1979) aborda a explosão de bombas e a repressão policial à manifestação ocorrida no centro da cidade. Em outra reportagem do mesmo dia, intitulada "Movimento brasileiro para anistia", Alberto Duarte, presidente do movimento, fala sobre providências que serão tomadas em relação à ação policial que dissolveu a referida manifestação na Avenida Afonso Pena, resultando na prisão de manifestantes, apreensão de faixas e megafones.

No rolo "Anistia - Debate Faculdade de Direito" (23 de março de 1979) são apresentadas cenas de um debate realizado na faculdade, além de uma entrevista com o então deputado José Eudes, do MDB do Rio de Janeiro, falando sobre aspectos da anistia irrestrita. O filme "Exilados Mineiros - Retorno", de 04 de abril do mesmo ano, apresenta imagens feitas no aeroporto da Pampulha mostrando o retorno dos exilados Lúcia Martins de Oliveira e Evandro Afonso Nascimento, com entrevistas e cenas do reencontro dos mesmos com amigos e familiares.

A reportagem "Movimento feminino pela anistia / Ato público com ex presos políticos" (19 de abril de 1979) traz imagens de uma atividade onde ex-presos políticos falam a uma plateia. Conforme informações da ficha de catalogação, dentre os ex-presos estão Cecílio Emigdio Saturnino e Cleber Maia. Cecílio relata ter sido encaminhado ao DOPS em Belo Horizonte, onde sofreu torturas no pau de arara, choques e espancamentos. Cleber Maia discorre sobre as fases da tortura, sendo a primeira delas quando os órgãos policiais tentam extrair confissões dos presos. O segundo momento da tortura seria quando te identificam como uma pessoa perigosa. Em seguida, o ex preso político Porfírio de Souza aponta os nomes dos homens que o torturaram durante o tempo em que ficou na cadeia, inclusive o nome de seu torturador no DOPS em BH.

Apresentamos assim uma amostra dos registros existentes no acervo do Museu da Imagem e do Som que fazem parte da conjuntura da ditadura militar (1964-1985) na capital de Minas. Há ainda muitos outros filmes já localizados pelo levantamento que deu origem ao trabalho aqui exposto. E à medida que o acervo é processado dentro da instituição e a catalogação tem andamento, novos elementos deste conjunto vão sendo identificados e colocados à disposição dos consulentes.

À luz dos documentos audiovisuais identificados, e de outras fontes consultadas, buscaremos fazer uma análise crítica do momento de produção destas obras, procurando compreender como estes filmes se inserem no contexto do regime militar em Belo Horizonte. O ambiente de realização destes registros será considerado durante toda a análise, pois só isso nos permitirá entender como estes documentos audiovisuais dialogam com a história cultural, social e política da cidade:

A questão da análise fílmica deve ser pensada, portanto, não apenas nos termos de como a análise é feita, mas como se relaciona com o quadro geral traçado pelo levantamento das fontes, articulando-as à uma esfera mais ampla, vinculada à história cultural, social e política, procurando as matrizes de estruturas representacionais, anteriores ao cinema, mas que ele absorve, retrabalha e constrói (MORETTIN, 2014, p. 59-60).

À medida que avançamos na análise da documentação fílmica e não-fílmica do Fundo Rede Globo Minas no Museu da Imagem e do Som de BH, vão ficando mais claros os 'lugares de fala' presentes nestes registros, seja pela escolha dos assuntos das reportagens feitas à época, seja pelo enfoque das matérias ou mesmo na definição das expressões utilizadas no processo de catalogação dos filmes dentro da própria emissora. Para esta pesquisa, localizar os filmes revela-se tão importante quanto identificar o 'lugar de fala' presente nas reportagens, item essencial para pensar criticamente como este período da História recente do país aparece registrado por imagens em movimento na capital de Minas.

Referências

MORETTIN, Eduardo. “Acervos cinematográficos e pesquisa histórica: questões de método”, In: **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 31, ago. 2014, p.50-67.

_____. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena et al. (Org.). **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. São Paulo: Alameda, 2007. p. 39-64.

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, São Paulo, vol.17, nº 1, p. 81-110, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12455/14232>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política, 1964 – 1969. In: **O pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978. p. 61-92.